

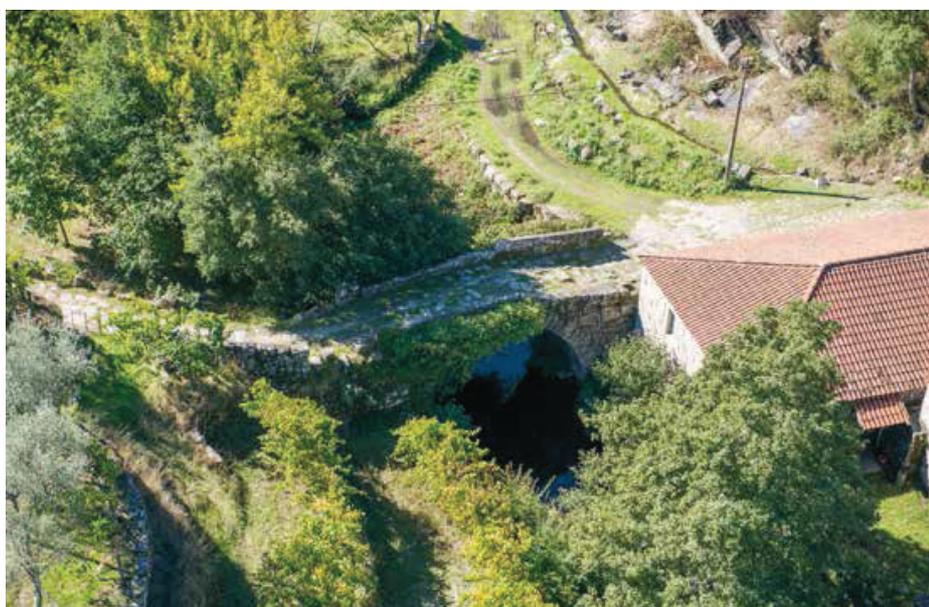


PONTE
DE ESMORIZ
BAIÃO

PONTE
DE ESMORIZ
BAIÃO

PONTE DE ESMORIZ

Em 1758, na memória de Ancede (Baião), o cura João Pinto de Almeida, ou outro por ele (dado que este apenas se limita a assinar um breve texto escatocolar em que atesta a veracidade das informações nelas contidas) (Almeida, 1758), enumera seis pontes na sua paróquia. Três em madeira e três em pedra. Sobre as de pedra diz existir uma entre os lugares de Esmoriz e Penalva, outra na estrada que vai do Mosteiro de Ancede para a Pala (Ribadouro, Baião) e uma terceira junto a uns moinhos chamados “das Machoças”.



Vista aérea.

137



Vista de jusante.

Esta referência e a própria factualidade da Ponte de Esmoriz, de um só arco de volta perfeita, acusam a existência de uma travessia que devia ser importante, caso contrário não inspiraria o investimento, sendo perfeitamente assegurada por uma simples passagem de madeira, como nos outros três casos referidos pelo cura de Ancede. Contudo, se é certo que existia uma ponte de pedra em 1758, não podemos garantir, sem que os documentos ou a arqueologia o atestem, que a ponte referida naquele ano seja a passagem de hoje. Tal, deve-se, como no caso da Ponte da Panchorra (Resende), à utilização tardia de modelos construtivos cronologicamente remotos.

Depois, devemos relativizar a importância das travessias com base na sua tipologia de “ponte pétrea”. Neste caso, o cura João Pinto de Almeida não distingue (como muitos dos seus congéneres) entre “pedra” e “cantaria”, o que poderia indiciar, na segunda denominação, a contratação de mão de obra especializada, logo projeto mais dispendioso. Este podia exigir escritura de fábrica e deixar um valioso registo da sua execução, reparação ou reconstrução.

Para o estudo das travessias, assim como do revestimento dos caminhos e estradas, não basta a própria materialidade das mesmas. O desconhecimento sobre técnicas e materiais de construção fora do período romano deixa-nos inúmeras questões. Outrossim, a confusão entre as designações de vias consoante a sua capacidade de aguentarem a deslocação de veículos (estradas) ou serem, apenas, trilhos de passagem (caminhos, carreiros, etc.) de pé ou pata, incapacitam-nos de olhar esta problemática com a atenção que lhe é devida. Desta situação advém a frequência com que as pontes seiscentistas, setecentistas ou mesmo posteriores são tidas como romanas ou românicas, face à reprodução intemporal de modelos antigos, como cremos ser o caso da Ponte de Esmoriz¹.

Aliás, regressando à questão da importância da travessia, esta não pode ser analisada do ponto de vista contemporâneo. Deve sempre procurar buscar a utilidade da passagem no trajeto histórico das comunidades que dela se servem, já que as vias medievais e modernas (ao contrário das romanas) sempre tiveram um carácter local e regional só ultrapassado na contemporaneidade. A ponte deve, então, ser enquadrada num âmbito mais vasto de humanização e de circulação. Neste caso concreto, devemos olhar com atenção para o vale do rio ou ribeiro de Ovil que nasce próximo a Loivos do Monte (Baião) e desagua no rio Douro, junto à Pala. O seu sentido nordeste-sudeste obrigou a vários atravessamentos na direção do litoral para o interior. Sabendo que, na margem sul do Douro, existia uma via (ou, pelo menos, uma colagem de várias vias) ao longo da margem, podemos supor que, dada a ligação de Ancede ao Porto, sede episcopal e centro nevrálgico da economia, existisse também, na margem oposta, um percurso construído através da junção de vários ramais, e que pudesse conduzir àquela urbe por Alpendorada (Marco de Canaveses) e Entre-os-Rios (Penafiel). Porém, a cartografia antiga não assinala qualquer via importante seguindo este trajeto.



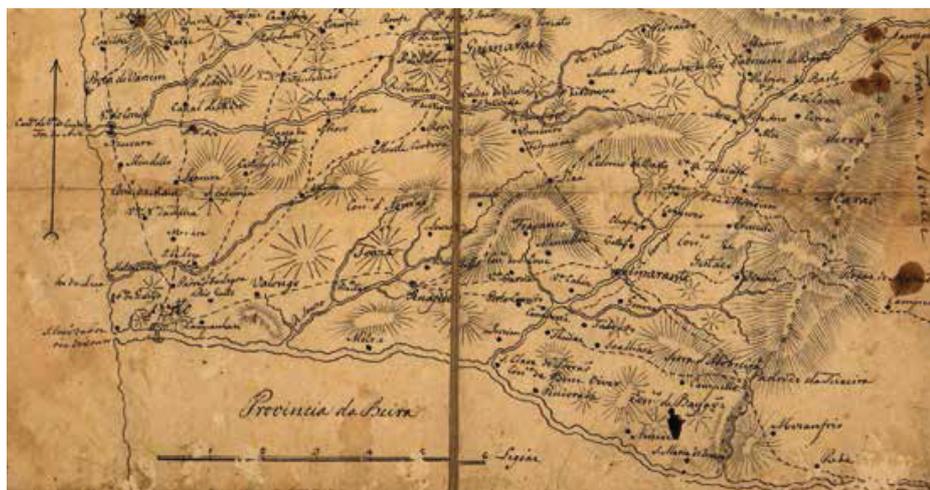
Calçada de acesso à Ponte.



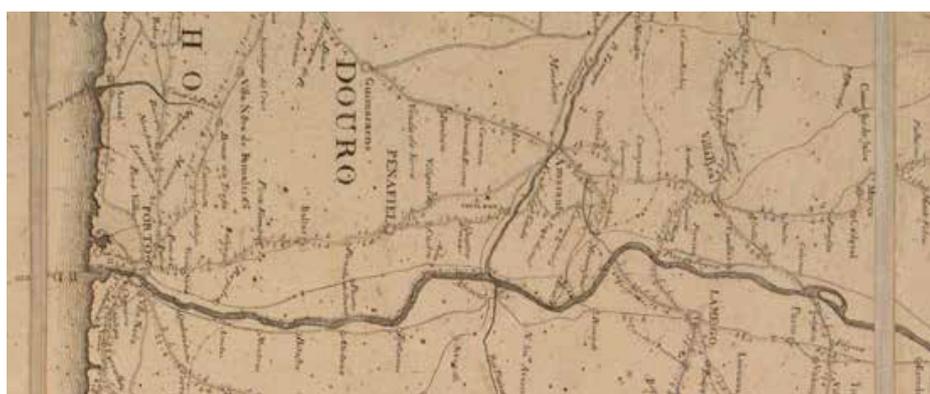
Vista de montante.

¹ Ou o caso da ponte de Covelas, no vizinho concelho de Cinfães, entre as freguesias de Ferreiros e Tendais, durante vários anos tratada como romana e românica. Em 1758 nem existia, alçando-se sobre o Bestança apenas uma travessia de pau, no mesmo lugar. O medalhão barroco levantado no remate das guardas, a meio da ponte, faz o elogio do mentor da obra, um padre fidalgo da aldeia próxima que custeou a obra, concluída em 1762.

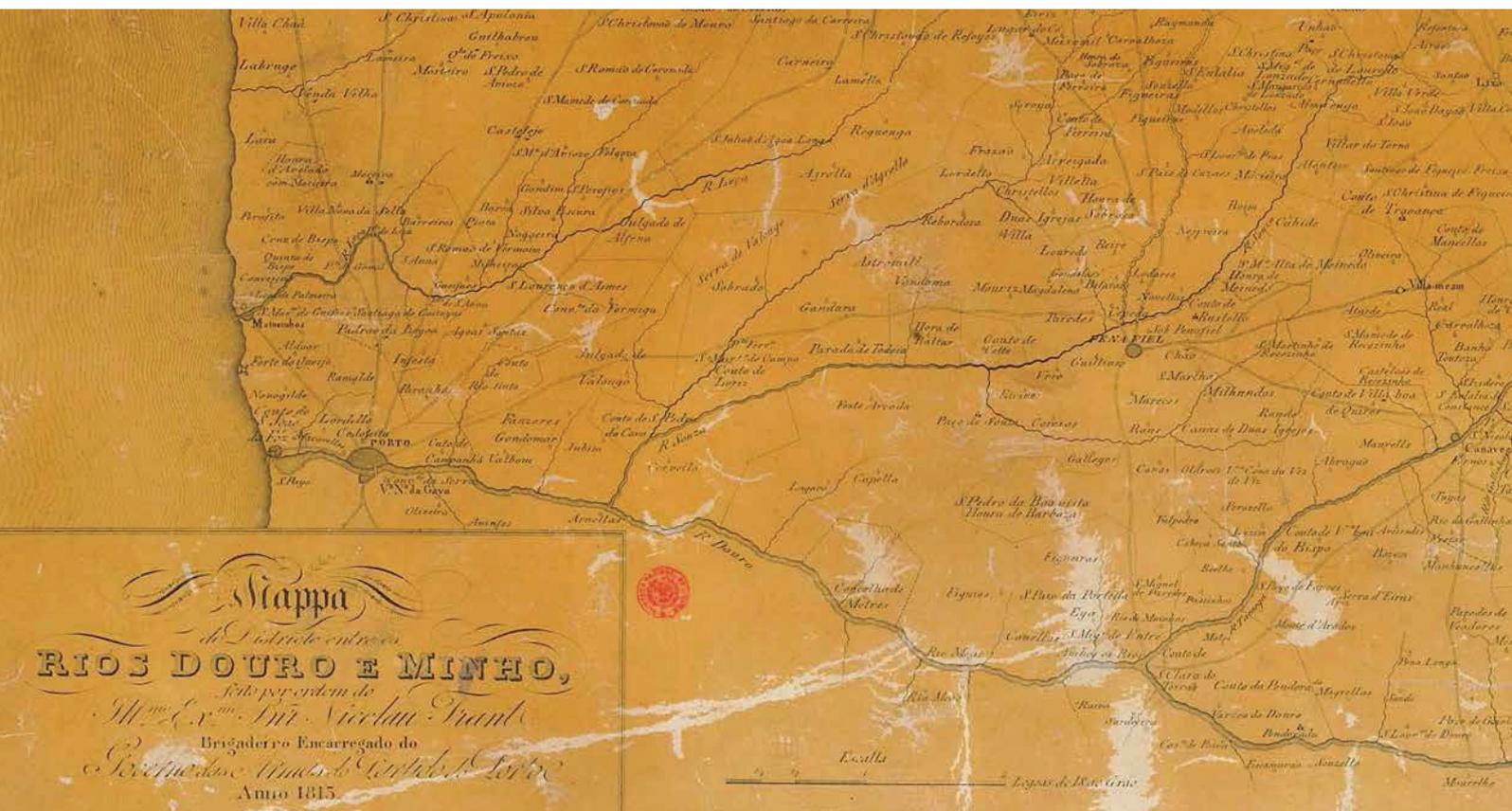
O corredor de circulação que constituía, desde a Idade Média, o principal eixo entre o Douro litoral e o Douro interior ligava o Porto a Baltar (Paredes), Penafiel, Canaveses (Marco de Canaveses), Padrão da Teixeira (Baião) e Mesão Frio. Desta estrada, aproveitada desde o século XVIII até aos dias de hoje, como trajeto mais curto entre a Régua e o Porto, partiam várias ramificações.



Carta da província do Minho (adaptada de Norton, 1807). Fonte: Biblioteca Nacional Digital.



Carta militar das principais estradas de Portugal (adaptada de Eça, 1808). Fonte: Biblioteca Nacional Digital.



Mapa das principais vias de comunicação a partir do Porto (adaptado de Depósito dos Trabalhos Geodésicos, 1861). Fonte: Biblioteca Nacional Digital.

Uma delas saía de Canaveses, logo a seguir à velha e grandiosa ponte medieval, quase em linha reta até em frente ao cais de Mourilhe (em Cinfães, desaparecido aquando da construção da barragem de Carrapatelo). Passava pelas povoações de Rio de Galinhas, Paredes de Viadores e Paços de Gaiolo, todas do Marco de Canaveses. De um conjunto de mapas antigos do território português apenas dois, um de 1720² e um de 1797³, assinalam uma via paralela ao Douro (na margem norte) ligando Mesão Frio a Entre-os-Rios. Provavelmente passaria em Ancede, através do couto ou próximo dele, mas dada a escala do mapa é impossível garantir que a estrada passasse sobre o rio Ovil, em Esmoriz. De resto, os afluentes do Douro constituíam canais de circulação já aproveitados no período da romanização. É assim mais fácil aceitar na região de Baião, vias estruturantes no sentido norte-sul, do que marginais ao Douro, ideia já partilhada, em 1985, por Mário Barroca⁴ e, em 1991, por Arlindo de Magalhães e Maria Manuela Alves, que tentaram traçar os caminhos de peregrinação jacobea na área do concelho de Baião (Magalhães e Alves, 1991: 53-61).

2 [Regnorum Hispaniae et Portugalliae] [Material cartográfico]. Escala [1:2470000]. [ca.1720]. Nuremberga.

3 [Chorographical map of the kingdom of Portugal divided into its grand provinces] [Material cartográfico]. Escala [1:900000]. 1797. Londres (Faden, 1797).

4 O autor noticia a descoberta do marco miliário entre Mesquinhata e Gôve (Baião), relacionado com a "passagem da via romana que ligaria Braga a Viseu, e que Antonino ignora no seu itinerário" (Barroca, 1985: 3). Esta via seguiria ao longo da extensa fratura geológica que atravessa o Douro, entre Porto Manso (Baião) e Porto Antigo (Cinfães), seguindo por entre as dobras do Montemuro. Não admitimos que uma via romana atravessasse aqui o Douro para vencer os fortes desníveis daquela serra, mas aceitamos a hipótese de se tratar de uma ligação à via paralela ao Douro ou ao próprio rio, o que, de resto, alinha com o dito itinerário antoniano. De resto, na sua análise sobre a viação medieval em Baião, Mário Barroca (1985: 10-11) é perentório em traçar percursos que não incluem o trânsito sobre a Ponte de Esmoriz. Transcrevemos as palavras de Luís Miguel Duarte e Amândio Barros (1997: 77-118), quando descrevem o Douro como catalisador da economia regional: "inúmeros caminhos e estradas, desembocando ou partindo de diversos pontos ribeirinhos, eram frequentados por mercadores, almocreves ou carreteiros, os principais abastecedores das terras do interior".

Devemos agora focar-nos no principal interessado na existência e conservação das vias de comunicação de pequeno e longo curso, dado o seu carácter ao mesmo tempo religioso (serviam procissões, visitas, etc.)⁵ e económico: o Mosteiro de Santo André de Ancede. O cura João Pinto de Almeida, em 1758, refere-o quando indica uma das pontes de pedra, dizendo-a especificamente no trajeto da estrada que ligava o Mosteiro à Pala, percurso certamente antigo e importante, porquanto à sua margem se erguia um dos seis marmoirais conhecidos em Portugal: o de Lordelo (Baião)⁶.

O lugarejo da Pala na margem direita do Douro, hoje quase totalmente submerso na sequência do enchimento da barragem de Carrapateiro a jusante, constituiu um dos mais ativos locais de acostagem ao longo do Douro no período anterior ao empresamento. De tal forma que aparece frequentemente indicado na cartografia dos séculos XVI-XVIII: “A Pala” ou “A Pelo”⁷. O que conviria, pois, aos monges de Ancede: vencer léguas de encostas, por caminhos escalavrados e pouco seguros para chegar ao Porto? Ou utilizar o meio de transporte mais rápido pelo trajeto mais curto que era o rio Douro? Não obstante o risco da viagem fluvial, cremos que o Douro pareceria a escolha mais acertada. Daí que se refira a “estrada para a Pala”, por onde certamente circulava grande parte dos negócios do Mosteiro – negócios espirituais e económicos, já se vê. Este interesse na navegação não é de todo uma conjectura, dado que o Mosteiro tinha direitos especiais no curso do Douro de que usufruía para escoamento do seu vinho (Barros, 1998:49-87).

É, aliás, num importante documento produzido no Mosteiro de Ancede que obtemos a primeira pista para a datação da Ponte de Esmoriz. Trata-se de um tombo cuja composição se iniciou em 1400 e se destinava a registar e gerir um “conjunto fundiário constituído ao longo da centúria de Trezentos, fruto de doações, compras e escambos” (Barros, 2003: 217-308). Neste documento registam-se pouquíssimas referências à estrutura viária local, mas entre estas nenhuma que nos indique que a Ponte de Esmoriz estivesse já construída. Há notícia de um casal da Ponte, pela freguesia de São Tomé de Covelas e à ponte da Teixeira. Na margem esquerda do Douro, em frente ao couto, onde os monges de Ancede tinham vários haveres, são constantes as referências a carreiras, estradas e caminhos que se dirigiam a Anreade, Miomães (Resende) ou Cinfães. Porém, quando a fonte descreve ou indica as propriedades na esfera de Esmoriz e Penalva, não refere qualquer atravessamento. Todavia devemos registar uma interessante nota: quando se procede à delimitação e às confrontações da leira de vinhas e ramadas com a casa que Fernão Gomes possuía, diz-se que partia de um lado “com o carril do gado que sai de Esmoriz” (Barros, 2003: 293). Informação relevante que parece indicar a existência de uma “canada” ou canal de circulação do gado que, desde as cortes, se dirigia aos pastos. Se tal “carril” determinou a construção de uma ponte depois de 1400 não o sabemos. Conjeturamos, porém, que no limiar do século XV, a Ponte de Esmoriz não estivesse ainda construída.



Reprodução de uma gravura do Memorial de Lordelo (Baião) (adaptado de Sotto Mayor, 1857). Fonte: *Archivo pittoresco*.

5 Sobre a relação das visitas com os caminhos veja-se o artigo de Osswald (1999: 157-173).

6 Encontram-se integral ou parcialmente intactos os Memoriais de Alpendorada (Marco de Canaveses), Sobrado (Castelo de Paiva), Santo António (Arouca), Ermida (Penafiel), Mondim da Beira (Tarouca) e Odivelas. O de Lordelo (Baião), não obstante a sua classificação (DECRETO n.º 163. D.G. 136 (1910-06-23)) foi destruído e recentemente foi promulgada a sua desclassificação (DECLARAÇÃO n.º 100. D.R. II Série. 105 (2012-05-30) 19436).

7 Designação dada pela carta de Albernaz (1662).



Vista do rio Douro junto à Pala e Porto Manso (Baião), que integravam o antigo couto de Ancede.

142 Por outro lado, podemos colocar uma hipótese: que esta travessia, enquadrada entre duas casas senhoriais (Esmoriz e Penalva) tenha sido edificada na esfera de proximidade e da influência da nobreza local. Dada a sua localização, podemos até admitir a intervenção de algum dos seus senhores na construção e manutenção da Ponte e caminho, para acesso proveitoso e célere aos seus haveres.

A primeira referência que encontramos na documentação data de 1666 e relaciona, aliás, a passagem com os domínios de Penalva. A 15 de setembro desse ano, o Mosteiro de Ancede fez prazo a António de Azeredo, daquele lugar, em que constam os “Eidos por baixo do pumar, que parte do nasente com o mesmo pumar e com o oleval de Manuel Fernandes E Gonçalo Rodrigues do mesmo lugar e pelo fundo com a estrada que vaj do minhozo E ponte da pedra pera o mosteiro (...)”.



Lugar de “A Pelo” na cartografia do século XVII (adaptado de Teixeira, 1662). Fonte: Biblioteca Digital de la Real Academia de la Historia, Espanha.



Creemos que se trata da Ponte de Esmoriz⁸. Temos assim, para já, definido o arco cronológico pelo qual podemos balizar o período de edificação da Ponte de Esmoriz: c. 1400 - c. 1666.

São vários os exemplos conhecidos, na vizinha região de Montemuro, a sul do Douro, de construção ou reconstrução de pontes custeadas por indivíduos da nobreza local, por vezes ligados às governanças municipais ou instituições religiosas. Aliando a obra pia a conveniências pessoais e familiares, a ponte readquiriu, depois da Romanização e da Idade Média, o sentido político e económico que afinal tivera, mas a uma escala menor, numa ótica do espaço parquial ou municipal. [NR]

Integrando hoje a Rota do Românico, teve início em setembro de 2014 uma intervenção destinada à conservação, salvaguarda e valorização da Ponte de Esmoriz. Nos trabalhos incluem-se o reforço estrutural, a beneficiação dos paramentos, pavimentos e guardas, bem como a valorização dos acessos à Ponte e limpeza das margens do rio Ovil (Monte, 2012). [RR]

143



Casa de Penalva (Baião).



Casa de Esmoriz (Baião).

⁸ ADP – Notariais, Baião, 1.º ofício, Livro 1, fl. 129. Mais adiante refere-se o “Camo da ponte de pedra”, que partia pelo fundo com o ribeiro de Ovil (Idem, fl. 129 v.º).

CRONOLOGIA

1258: refere-se um Lourenço Ermiges de Esmoriz que testemunha na inquirição a propósito do couto de Ancede;

Cerca de 1400: no tombo do Mosteiro de Ancede não há qualquer referência à Ponte de Esmoriz;

1666: encontra-se uma referência a uma ponte de pedra, sobre o rio Ovil, no caminho de Minhoso e do Mosteiro;

1758: assinalam-se três pontes de pedra em Ancede, sendo uma delas a de Esmoriz;

2010: a Ponte de Esmoriz passa a integrar a Rota do Românico;

2014-2015: trabalhos de conservação e salvaguarda da Ponte de Esmoriz, no âmbito da Rota do Românico.

BIBLIOGRAFIA E FONTES

- [*Regnorum Hispaniae et Portugalliae*] [Material cartográfico]. Escala [1:2470000]. [ca.1720]. Nuremberga.
- ALMEIDA, João Pinto de – [Memória paroquial de] Ancede [Manuscrito]. 1758. Acessível em ANTT, Lisboa. Vol. 4, n.º 22.
- ARQUIVO DISTRITAL DO PORTO (ADP) – Notariais, Baião, 1.º Ofício, Livro 1, fl. 129, 129 v.º.
- BARROCA, Mário – Notas sobre a ocupação medieval em Baião. *Arqueologia*. N.º 10 (1985).
- BARROS, Amândio Jorge Morais – Por ser de sua lavra e cutelo: questões entre o Porto e o mosteiro de Ancede relativas à venda de vinhos na Idade Média. *Douro - Estudos & Documentos*. Vol. 3, n.º 5 (1998) 49-87.
- _____ – Tombo do mosteiro de Ancede [séc. XIV]. *Douro - Estudos & Documentos*. N.º 16 (2003) 217-308.
- DECLARAÇÃO n.º 100. D.R. // Série. 105 (2012-05-30) 19436.
- DECRETO n.º 163. D.G. 136 (1910-06-23).
- DUARTE, Luís Miguel; BARROS, Amândio Jorge Morais – Corações aflitos: navegação e travessia do Douro na Idade Média e no início da Idade Moderna. *Douro - Estudos & Documentos*. Vol. 2, n.º 4 (1997) 77-118.
- EÇA, Lourenço Homem da Cunha de – [Carta militar das principaes estradas de Portugal] [Material cartográfico]. Escala [1:470000]. 1808. Lisboa. Disponível em [www: <URL: http://purl.pt/6302/3/>](http://purl.pt/6302/3/).
- FADEN, William – [Chorographical map of the kingdom of Portugal divided into its grand provinces] [Material cartográfico]. Escala [1:900000]. 1797. Londres.
- MAGALHÃES, Arlindo de; ALVES, Maria Manuela Neves – De peregrinação a Compostela por terras de Baião. *Bayam*. N.º 2 (1991) 53-61.
- MONTE, Hugo – *Ponte de Esmoriz, Porto, Baião, Ancede: projecto de arquitetura*. Vila do Conde: Hugo Monte, 2012. Texto policopiado.
- NORTON, Thomas – [Carta da provincia do Minho para intelligencia das operações da defeza projectadas em 1807] [Material cartográfico]. 1807. Disponível em [www: <URL: http://purl.pt/13950/3/>](http://purl.pt/13950/3/).
- OSSWALD, Helena – Os caminhos das visitas pastorais na comarca da Maia na Época Moderna. In BARROCA, Mário – *Carlos Alberto Ferreira de Almeida: in memoriam*. Porto: FLUP, 1999. Vol. 2.
- PORTUGAL. Depósito dos Trabalhos Geodésicos. *Mappa do distrito entre os rios Douro e Minho* [Material cartográfico]. Escala [ca 1:193000]. Lisboa: Depósito dos Trabalhos Geodésicos, 1861. Disponível em [www: <URL: http://purl.pt/22844/2/>](http://purl.pt/22844/2/).
- SOTTO MAYOR, Miguel – [Memorial de Lordelo] [Material fotográfico]. In *Archivo pittoresco: semanario ilustrado*. Vol. I., p. 168. Lisboa: Typographia de Castro & Irmão, 1857-1868.
- TEIXEIRA, Pedro de – *Descripción del Reyno de Portugal y de los Reynos de Castilla Que Parten con su Frontera* [Material cartográfico]. Escala [ca. 1:600.000]. Matriti: Casa de Santiago de Am[brona], 1662. Disponível em [www: <URL: http://bibliotecadigital.rah.es/dgbrah/i18n/consulta/registro.cmd?id=15924>](http://bibliotecadigital.rah.es/dgbrah/i18n/consulta/registro.cmd?id=15924).